

AS MOÇÕES SÃO TRÊS, O PARTIDO SOMENTE UM

(Discurso de Gian Carlo Pajetta*, na abertura do 19º Congresso Extraordinário do PCI)

O 19º Congresso do Partido Comunista Italiano se desenvolve em um momento difícil para o nosso país, ao mesmo tempo que do mundo chegam os ecos de comoções que podem abrir esperanças de renovações profundas e falam da insustentabilidade de situações que pareciam consolidadas e compatíveis com os equilíbrios baseados na paz, na interdependência e na colaboração entre diversos países.

Um acordo parecia já ter sido alcançado com relação a um desarmamento progressivo e equilibrado; eram confortáveis os resultados que a conferência de Helsinque tinha instigado com relação ao caminho a ser percorrido, com o beneplácito de cada nação e cada estado.

Apareceram no horizonte novas zonas de instabilidade; prolongam-se negociações ao mesmo tempo que se fazem mais fortes as exigências da sua conclusão. Nós não renunciamos às esperanças de acordos, negociações, ou resultados alcançados ou que parecem próximos, mas lançamos um apelo ao empenho e à responsabilidade de cada um, e faço votos que os comunistas italianos, pela sua atuação nestes anos, possam dar uma contribuição que pode ser preciosa.

A nossa história é gloriosa e podemos nos orgulhar dela. Desde o dia da fundação temos lutado contra a violência fascista, temos oferecido uma contribuição essencial à nação popular e à unidade da Resistência. Se o partido de Gramsci e de Togliatti tem algo do que se sentir orgulhoso não é o de ter cometido erros, mas o de ter procurado, ao contrário, corrigir os erros e ter atuado para moldar sua organização e sua tática à exigência de situações que mudam, sabendo encontrar, ao buscar a unidade dos trabalhadores de todas as camadas e de quantos quiseram lembrar que as antigas palavras de igualdade, liberdade e fraternidade podem se tornar objetivos concretos, conquistas, indicações para o futuro.

Hoje ecoam como um aviso as palavras do companheiro Pertini que quisemos fosse o presidente de todos os italianos, e que soube sê-lo; as palavras que exortavam comunistas e socialistas a se unir em defesa da democracia e da liberdade.

Alguém tem atentado ao nosso debate congressual sem entendê-lo muito porque nos tem considerado, por demasiado tempo, um partido portador de idéias que iam se fossilizando, como se fôssemos homens para os

quais o monolitismo era um obstáculo (e talvez alguma vez o foi) à reflexão, ao entendimento de novas situações e processos. O partido dos comunistas italianos tem conseguido compreender o sentido da história formulando (também em oposição a outros comunistas e socialistas) juízos políticos e indicações de novas perspectivas.

Sem querer embalsamar pensadores diferentes e militantes, queremos afirmar que podemos olhar à nossa frente com confiança, também porque temos olhado de frente a realidade nos momentos mais duros e complexos; temos olhado à frente recordando o passado. E de nosso passado o presente é feito em muitas de suas partes e sem ele não poderá ser feito também o futuro.

O partido apresenta-se neste congresso dividido, e isso é grave. Mas, teria sido muito mais grave se tivéssemos (como mais de uma vez tivemos) resolvido o problema silenciando ou conde. nando os dissidentes, considerando quase um repto o interrogar-se, a manifestação de outras propostas, a recusa a dizer sim.

Seja este um congresso verdadeiro se o debate apaixonado, áspero e até polêmico não impedir de reconhecermos que devemos trabalhar juntos. Eu disse-o e o repito com convicção: existem moções, as chamo assim (com um pouco de hipocrisia), mesmo não podendo esconder que se têm transformado em correntes e podem ameaçar de se tornar frações.

Existem três moções, as discussões vão além do congresso, mas devem ser entre companheiros.

Sim, três moções, mas o partido hoje é um, que os comunistas italianos o lembrem.

Vamos discutir, nos empenhar conforme a consciência, votar livremente, mas não escamoteemos qualquer busca de acordos, qualquer esforço unitário. Busca-se uma unidade maior: não consideramos uma ameaça a unidade entre aqueles que se constituem hoje no partido italiano.

À Direção do partido propus-me unicamente a honra de ser o presidente desta assembléia, vocês me elegeram, ninguém me pediu arrependimentos ou avançou a suspeita de compromissos. Eu vos agradeço, não somente pessoalmente, e quero acreditar que seja assim não somente porque sou mais velho, mas porque parece-me que desta forma se quis abrir o congresso sob o signo da verdade. E para nós a unidade deve e pode ser uma coisa séria.

* Gian Carlo Pajetta — Membro do Comitê Central do PCI. Eleito presidente da Assembléia Congressual.